



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE  
CENTRO DE HUMANIDADES  
UNIDADE ACADÊMICA DE CIÊNCIAS SOCIAIS  
CURSO BACHARELADO EM FILOSOFIA**

**DAVI MARCELINO PATRÍCIO**

**A CRÍTICA MARCUSIANA AO TECNICISMO CIENTÍFICO DO  
SÉCULO XX EM “O HOMEM UNIDIMENSIONAL”**

**CAMPINA GRANDE - PB  
2022**

**DAVI MARCELINO PATRÍCIO**

**A CRÍTICA MARCUSIANA AO TECNICISMO CIENTÍFICO DO  
SÉCULO XX EM “O HOMEM UNIDIMENSIONAL”**

**Monografia apresentada ao Curso Superior de Bacharelado em Filosofia do Centro de Humanidades da Universidade Federal de Campina Grande, como requisito parcial para obtenção do título de Bacharel em Filosofia.**

**Orientador: Professor Dr. Antônio Gomes da Silva.**

**CAMPINA GRANDE - PB**

**2022**



P314C Patrício, Davi Marcelino.

A crítica marcusiana ao tecnicismo científico do século XX em "O homem unidimensional". / Davi Patrício Marcelino. - 2022.

39 f.

Orientador: Professor Dr. Antônio Gomes da Silva.  
Monografia - Universidade Federal de Campina Grande; Centro de Humanidades; Curso de Bacharelado em Filosofia.

1. Filosofia. 2. Sociedade. 3. Aculturação. 4. Herbert Marcuse. 5. Tecnologia. 6. Tecnicismo científico. 7. O homem unidimensional - Herbert Marcuse. I. Silva, Antônio Gomes da. II. Título.

CDU: 1(043.1)

**Elaboração da Ficha Catalográfica:**

Johnny Rodrigues Barbosa  
Bibliotecário-Documentalista  
CRB-15/626

**DAVI MARCELINO PATRÍCIO**

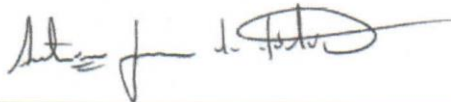
**A CRÍTICA MARCUSIANA AO TECNICISMO CIENTÍFICO DO SÉCULO XX  
EM “O HOMEM UNIDIMENSIONAL”**

Monografia apresentada ao Curso de Graduação em Filosofia da Universidade Federal de Campina Grande (UFCG), como requisito parcial para obtenção do título de Graduado em Filosofia.

Orientador: Prof. Dr. Antonio Gomes da Silva.

Aprovada em Campina Grande/PB, 04/04/2022.

**BANCA EXAMINADORA**



---

Prof. Dr. Antonio Gomes da Silva (Orientador)



---

Prof. Dr. Luciano da Silva (examinador)



---

Prof. Ms. Ijaelson Clidório Pimentel (examinador)

## **RESUMO**

A tecnologia exerceu um papel preponderante no século XX. Tal papel foi analisado por Herbert Marcuse que, dentre outros pontos, tratou da natureza mesma desta tecnologia. Tecnologia é um dos conceitos-chaves do pensamento do referido filósofo, pois ele explica como se dá a relação entre tecnologia e sociedade. Ademais, cabe ressaltar a importância que a técnica tem para a mecanização da vida, proporcionando um modo mais fácil de se viver, por um lado, mas por outro, absorvendo qualquer desejo de mudanças significativas no rumo desigual da distribuição das riquezas socialmente produzidas. Com isso, Marcuse nos oferece uma oportunidade de reflexão a respeito desta aculturação que incide diretamente na qualidade de vida das pessoas.

**Palavras-chave:** Sociedade, Tecnologia, Aculturação.

## **ABSTRACT**

Technology has held an important role in XX century. This role was analyzed by Herbert Marcuse that, among other points, has treated the very nature of this technology. Technology is one of the key concepts of Marcuse's thought, since he explains how the relationship between technology and society occurs. Furthermore, it is worth pointing out the importance that technology has for the mechanization of life, providing an easier way to live, on the one hand, but on the other, absorbing any desire for significant changes in the unequal course of the distribution of socially produced wealth. With this, Marcuse offers us an opportunity to reflect about this acculturation that directly affects people's quality of life.

**Keywords:** Society, Technology, Acculturation.

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO.....</b>	<b>07</b>
<b>A TECNOLOGIA ENQUANTO MANIFESTAÇÃO POLÍTICA.....</b>	<b>11</b>
<b>O TECNICISMO CIENTÍFICO.....</b>	<b>15</b>
<b>NEUTRALIDADE DA CIÊNCIA.....</b>	<b>18</b>
<b>ALIENAÇÃO.....</b>	<b>23</b>
<b>DOMINAÇÃO DO HOMEM PELO HOMEM.....</b>	<b>28</b>
<b>MECANIZAÇÃO DA VIDA.....</b>	<b>31</b>
<b>PAPEL DA FILOSOFIA.....</b>	<b>35</b>
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>38</b>
<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>39</b>

## INTRODUÇÃO

Se o filósofo Nietzsche estivesse vivo hoje, o diagnóstico que ele faria da civilização ocidental seria que esta tem caminhado a passos largos para a sua decadência e destruição. Com base nesta pressuposição tomada de empréstimo deste grande filósofo, pois ele fez duras críticas à sociedade tecnicista do seu século dezanove, temos como objetivo desta pesquisa a análise do conceito de “tecnologia” na perspectiva da crítica à sociedade tecnicista contemporânea dentro do contexto de mecanização do mundo da vida (*Lebenswelt*) apontada por Herbert Marcuse. Este enfoque terá um recorte a partir de uma breve exposição do conceito de técnica do filósofo citado a respeito do suposto imperialismo epistemológico da tecnologia no século vinte. Com base neste entendimento, faremos uma abordagem filosófica da sociedade ocidental neste período específico supracitado e abordado por Marcuse cujos valores morais se pautam no acúmulo de bens materiais como normatividade ética. Por outro lado, a abordagem do tema da mecanização da vida causada pelo imperialismo epistemológico da técnica tratada nesta monografia tem como texto balizador “*O Homem Unidimensional*” do referido autor. Dito de outro modo, isso significa que faremos uma sondagem do alcance deste texto marcusiano no âmbito da crítica ao *status quo* e seu projeto de uniformização do pensamento, isto é, a sociedade unidimensional denunciada por Marcuse.

Inicialmente, o texto deste autor nos oferece a possibilidade de questionamento da sociedade da técnica em virtude das condições de aplicação do conhecimento científico serem na maioria dos casos favoráveis ao projeto de poder e dominação nas mãos das classes dirigentes. É inegável que o século vinte, marcado pelas grandes guerras, pode ser entendido como um escárnio da crença em uma sociedade em constante progresso, crença esta muito difundida no meio positivista, quando se acreditava que o desenvolvimento da técnica poderia emancipar a humanidade. Fica estabelecido, portanto, que faremos uma análise do século vinte e da nossa contemporaneidade com vistas ao entendimento das implicações filosóficas e sociais da aplicação do conhecimento científico.

De acordo com o exposto acima, em sintonia com o entendimento de Herbert Marcuse acerca da abordagem filosófica contemporânea ingênua que toma o particular como universal, a distinção entre modernidade e o que veio antes dela é mantida pela crença cega na razão. Retomaremos esta discussão adiante e a contribuição marcusiana referente a este tema especificamente, pois no momento interessa-nos pontuar que a ideia de racionalidade moderna, segundo Marcuse, é desenvolvida no sentido de que os fundamentos científicos e tecnológicos da modernidade são supostamente superiores a qualquer tipo de intervenção



humana no mundo da vida em sociedades anteriores e pré-científicas. Nesta crítica da racionalidade técnico-científica da modernidade encabeçada por Marcuse, percebemos que há um projeto civilizacional fâustico em curso muito além da mera manifestação de uma categoria epistemológica. Neste sentido, sugere Marcuse, não podemos assumir uma atitude passiva frente ao desenrolar desta tendência universalista da técnica científica, pois não há a suposta neutralidade da ciência nestes termos. Ao contrário, há mesmo uma incorporação de valores de uma civilização particular no fazer científico não porque se trata de mau uso da ciência, o que seria uma questão de abordagem política e seus vieses ideológicos, mas porque a ciência possui os elementos necessários e intrínsecos para a dominação do homem pelo homem no sentido beconiano de que conhecimento é poder.

Estas tendências mencionadas acima estão de acordo com as considerações de Herbert Marcuse no que se refere ao domínio da técnica em vista de uma homogeneização cada vez maior do mundo da vida (*Lebenswelt*). Este pensador orienta sua análise da sociedade industrial avançada na perspectiva da imposição cultural do modelo cientificista e hegemônico. Isso significa dizer que há um projeto universalista em curso cujo pressuposto fundamental afirma que a ciência assumiria o lugar das narrativas tradicionais e imporá uma metanarrativa para todas as questões da vida em sociedade. Dito de outro modo, o projeto de dominação cultural levado a cabo pela sociedade industrial avançada é capaz de impor a crença de que os interesses da classe dominante são os mesmos que os das classes excluídas dos meios de produção capitalista. A lógica desta aculturação, segundo Marcuse, consiste em fazer o indivíduo excluído acreditar que participa da mesma distribuição de oportunidades conferidas aos ricos. Vejamos o que nosso autor diz a este respeito:

Se o trabalhador e seu patrão gostam do mesmo programa de televisão e visitam as mesmas áreas de lazer, se a secretária é tão atraente quanto a filha do seu empregador, se o negro possui um cadillac, se todos eles leem o mesmo jornal, então esta assimilação não indica o desaparecimento das classes sociais, mas na medida em que tais necessidades e satisfações que servem para a preservação do *status quo* são compartilhadas pela população periférica. (MARCUSE: 1964, p. 10)

Neste sentido, a grande mecanização da vida causada por este imperialismo epistemológico da técnica e objeto da nossa análise, contribui para a concretização de um projeto de superação das contradições apenas enquanto o desejo de superação ao *status quo* se dissolve na cultura de massa. De acordo com Marcuse, a sociedade industrial avançada aumentou exponencialmente a necessidade de funções alienadas e parasitárias tais como anúncios, propaganda, relações públicas, doutrinação e obsolescência planejada. Tais fatores, ao contrário do que se poderia imaginar, não é um custo dispendioso para os planos de

massificação da sociedade, mas constituem-se como os elementos básicos do investimento na produção. Neste sentido, para uma cada vez maior otimização da produção, segundo este projeto fáustico de criação de “lixo universal”, é preciso uma utilização implacável da racionalização da ciência e da técnica.

No que se refere ao conteúdo distribuído no corpo do texto, dividimos nossa argumentação em sete capítulos organizados de acordo com uma ordem temática para os conceitos trabalhados. No primeiro capítulo, “a tecnologia enquanto manifestação política”, damos mais enfoque ao conceito de tecnocracia, pois o aparato tecnológico assume seu caráter de suposta neutralidade em função de um universo político refratário cujo discurso em defesa da dominação do homem e da natureza se apoia nos critérios científicos de eficiência e neutralidade. Em seguida, tratamos do segundo capítulo cujo tema “tecnicismo científico” se apoia no conceito de “tecnicidade”. Este conceito preparado pelo desenvolvimento dos conceitos “tecnocracia”, “instrumentalismo” e “neutralidade” no capítulo anterior nos oferece a oportunidade de refletirmos acerca do caráter cientificista do período delimitado por Marcuse e que repercute em nossa contemporaneidade. Este caráter cientificista só acontece de forma exitosa em nossa sociedade em função da suposta neutralidade da ciência. Para tanto, faremos uma pequena abordagem da concepção marcuseana de ciência em Galileu, para desse modo, preparar o leitor ao que abordaremos no terceiro capítulo cujo título faz alusão direta à suposta neutralidade da ciência. Claro está que uma vez entendida como neutra, a ciência terá pavimentado o caminho para a mais irrestrita alienação dos seus procedimentos e efeitos sociais. Desse modo, o quarto capítulo sob o título “alienação” tenta trazer um enfoque sucinto, porém não menos importante acerca deste conceito. É verdade também que tal conceito dialoga com os conceitos já tratados nos capítulos anteriores tais como assimilação e consumismo. Estes completam o quadro conceitual em torno da abordagem do grau de alienação presente em nossa sociedade. No quinto capítulo “dominação do homem pelo homem” procuramos fazer uma relação entre o conceito de alienação e consumismo a partir do entendimento do conceito de obsolescência planejada, pois este funciona como uma espécie de escoamento da produção no sistema capitalista consumista. Desse modo, a estreita relação entre dominação do homem e da natureza com o aparato tecnológico se efetiva em virtude de um alto grau de alheamento das questões importantes referentes ao desenvolvimento pleno do ser humano. Uma vez estabelecido as comodidades da vida assimilada pelo sistema de consumo desenfreado e consubstanciado na construção da identidade individual, o quadro de alheamento e indiferença está posto a partir do aperfeiçoamento dos mecanismos de dominação via racionalidade tecnológica. A partir deste entendimento, o sexto capítulo com o

título “mecanização da vida” nos oferece uma reflexão sucinta dos efeitos da instrumentalização da vida realizada pela racionalidade técnica. Tratamos, portanto, da impossibilidade de se realizar a quantificação da subjetividade humana. Se, por um lado, com a dominação do homem pelo homem abordada no capítulo anterior se faz possível a partir de um processo de assimilação das verdadeiras necessidades individuais transformadas em mera repetição de gostos duvidosos e induzidos violentamente pelos mecanismos de comunicação em massa, por outro, o tema da mecanização da vida abordado neste capítulo procura esclarecer a ineficiência da racionalidade tecnológica no que se refere ao entendimento da dimensão subjetiva humana. Por este motivo, o conceito de quantificação se torna preponderante na sociedade tecnicista, pois tal conceito deve necessariamente predominar em detrimento da interioridade do homem, caso contrário, o sistema como um todo não terá êxito em seu projeto de uniformização do pensamento. Observado este desenvolvimento da concepção marcuseana da mecanização da vida promovida pelo tecnicismo científico, entramos em nosso último capítulo com uma reflexão acerca do papel da filosofia quanto ao entendimento da sociedade tecnicista e através deste entendimento sermos capazes de mudar os próprios rumos da sociedade cujo desdobramento circunscreve um número cada vez maior de excluídos do sistema capitalista. Noutros termos, neste capítulo a discussão da importância da filosofia para a emancipação da humanidade se faz presente de maneira contundente, pois somos de acordo de que a filosofia deve se posicionar de maneira crítica nos caminhos que a sociedade e a história percorrem.

## A TECNOLOGIA ENQUANTO MANIFESTAÇÃO POLÍTICA

Andrew Feenberg em suas considerações sobre os apontamentos de Herbert Marcuse acerca do tema da tecnologia no século vinte, dirá que este pensador transita entre a ideia de uma tecnologia que libertaria a natureza ao responder às necessidades estéticas humanas, por um lado, e, por outro, a afirmação de que as necessidades básicas continuarão sendo servidas pela racionalidade tecnológica. No entanto, de acordo com Feenberg, Marcuse condena esta racionalidade em função da tecnologia estar em estreita conexão com a dominação do homem pelo homem. Mas o âmago da argumentação de Marcuse, dirá Feenberg, sustenta que a tecnologia social contribuiria para a liberdade precisamente através das necessidades básicas de um novo jeito. Isso significaria um novo direcionamento para o progresso diferentemente de um mundo projetado com todas as suas características essenciais para a destruição do homem e da natureza. De acordo com este entendimento, segundo Feenberg, Marcuse propõe algo novo em relação a uma transformação revolucionária de práticas básicas. Isso levaria a uma mudança na própria natureza da instrumentalidade, que seria fundamentalmente modificada pela abolição da sociedade de classes e seus princípios performáticos (FEENBERG: 2002). Desse modo, seria então possível criar uma nova ciência e tecnologia que nos colocaria em harmonia com a natureza ao invés de estarmos em conflito com ela. Esta seria então tratada como outro sujeito ao invés de mera matéria prima em função infundável. Os seres humanos, portanto, aprenderiam a alcançar seus objetivos através da percepção das potencialidades inerentes da natureza ao invés de se apoiar no poder do lucro.

Por outro lado, segundo Feenberg em sintonia com Marcuse, a interpretação materialista assumiu a posição de que os fins que a tecnologia serve são características permanentes de nossa constituição biológica. A tecnologia foi pensada como neutra desde que ela não altere os fins biológicos, mas apenas encurte o caminho para eles. Esta suposta neutralidade da tecnologia a livrou das controvérsias políticas, afirma Feenberg. Se a tecnologia apenas realiza os ditames da natureza, reflete este comentador de Marcuse, então os valores que ela promove tem que ser gerais no seu alcance. De fato, esta é a história frequentemente contada, dirá Feenberg: o avanço da tecnologia é o avanço da espécie humana. O grande sucesso da tecnologia moderna no começo do século vinte parece confirmar esta visão. Mas este sucesso da tecnologia moderna também significou que as decisões tecnológicas afetaram cada vez mais a vida social e teve impactos políticos óbvios.

Podemos ter conclusões diametralmente opostas deste ponto especificamente, reflete

Feenberg: ou a política se torna outro ramo da tecnologia, ou a tecnologia é reconhecida como política. A primeira alternativa conduz diretamente a tecnocracia. O debate público será substituído por técnicos e expertises; pesquisa ao invés da opinião desinformada dos votantes reconhecerá o mais eficiente curso das ações.

A questão em defesa da tecnocracia se orienta pela ideia de mundo objetivo independente do sujeito, argumenta Marcuse. Isso significa dizer que as coisas existem *per se*, sem que o significado de tais coisas esteja ligado a nossa existência como experiência, seres ativos. Desse modo, nós não encontramos as coisas como este ou aquele objeto particular disponível para este ou aquele papel em nossas vidas. Uma coisa que estava em princípio fora de qualquer contato com um ser tal como nós mesmos, faria todo o sentido como uma existência autêntica. Dito de outro modo, nós não ordenamos a experiência em objetos cognitivos, mas em seres independentes. No entanto, este modelo de pensamento encontra muita resistência dentro do pensamento de Marcuse, pois este concebe que sem um ser finito no mundo para encontrar os objetos do mundo, tais objetos seriam sem sentido, sem distinção, ou sem definição. É absurdo falar de “coisas” nestas hipóteses, reflete Feenberg em sua análise da teoria marcuseana. De acordo com aquele filósofo, para Marcuse o que nós chamamos de “realidade objetiva” é perfeitamente real, mas fracassa diante deste horizonte finito que nós não podemos pensar coerentemente nosso caminho em torno ou além. Este quadro do ser engajado no mundo é obscurecido nos tempos modernos pelo pensamento tecnológico que trata tudo como essencialmente um objeto de cognição, uma simples questão de fato, incluindo os seres humanos, reflete. Segundo Feenberg, Marcuse argumenta que esta perspectiva objetivista não é inocente. Ela vai através da reestruturação fundamental do mundo da tecnociência. Desse modo, eventualmente os seres humanos assim como as coisas se tornam meros componentes no sistema técnico. O mundo moderno é um lugar de total mobilização dos fins que permanecem obscuros. É este aparente valor de liberdade ou neutralidade da tecnologia que Marcuse identifica como uma fonte de singularidade e tragédia da modernidade. Isso é o que permite a tecnologia destruir ambos natureza e homem, pondera Feenberg.

Um mundo moldado pela tecnologia é radicalmente alienígena e hostil, afirma Feenberg. O perigo não é meramente as armas nucleares ou algumas ameaças semelhantes à sobrevivência, reflete este pensador da filosofia marcuseana, mas a obliteração do status e a dignidade especial da humanidade como o ser através do qual o mundo recebe sua inteligibilidade e significado. Para os seres humanos se tornarem meras matérias primas como a natureza que eles fingem dominar. Neste ponto especificamente, este comentador da obra de

Marcuse afirma o seguinte:

Marcuse accepts the modern view that essences can neither be based on tradition and community standards nor speculatively derived in an *a priori* metaphysics of some sort. But what he calls "one-dimensional thinking" plays out that modern skepticism by rejecting the idea of essence altogether and remaining at the empirical level. It thereby avoids tradition-bound conformism and outdated metaphysics but only by treating the logic of technology as an ontological principle. Today we can design our technological apparatus any way we wish and this seems a liberation. But liberation has a price: one-dimensional thinking cannot recognize inherent potentialities and so can offer no guidance to social reform. To what can we appeal for criteria? What, for example, are the grounds for preferring respect for nature to exploitation of nature, freedom to domination?<sup>1</sup>

Neste trecho especificamente, Feenberg argumenta que a suposta essencialidade do fazer científico não é capaz de nos oferecer o *a priori* necessário para justificar o resultado nefasto da exploração do homem e da natureza. Ambos natureza e homem estão colocados fora da perspectiva da preservação, de acordo com a visão tecnicista. Se o critério reside em uma espécie de metafísica legitimadora da barbárie, dirá Feenberg, então não cabe a nós questioná-la, pois está consumado o projeto de assimilação total da irracionalidade. Mas a verdade é que o discurso da neutralidade e a suposta essencialidade da tecnologia amparada no princípio ontológico clássico de essência, a saber, a metafísica grega clássica, não corresponde ao conceito de essência definido historicamente. Em Marcuse, segundo Feenberg, a redução do conceito de essência ao processo de revelação, como entendiam os gregos, conduz ao alheamento das questões intrínsecas do fazer científico, pois é deixado de fora da reflexão científica o caráter arbitrário do desenvolvimentismo tecnológico no decorrer da história. Desse modo, Marcuse demonstra que hoje a concepção a-histórica de essência é inaceitável, argumenta Feenberg, pois a formulação deste conceito deve necessariamente ser elaborada a partir de um processo historicamente determinado e sujeito a mudanças conforme o nível de transformação técnica da sociedade. Desse modo, Marcuse nos oferece uma alternativa ao dogmatismo e positivismo moderno que pressupõem essências separadas de suas manifestações. Ao contrário, Segundo Feenberg, a concepção marcuseana de essência

---

<sup>1</sup> Marcuse aceita a visão moderna de que as essências não podem ser baseadas em padrões tradicionais e comunitários nem derivadas especulativamente numa metafísica *a priori* de algum tipo. Mas aquilo a que ele chama de "pensamento unidimensional" desenvolve esse ceticismo moderno, rejeitando completamente a ideia de essência e permanecendo a nível empírico. Evita assim o conformismo ligado à tradição e a metafísica ultrapassada, mas apenas tratando a lógica da tecnologia como um princípio ontológico. Hoje, podemos conceber os nossos aparatos tecnológicos da forma que quisermos e isto parece uma libertação. Mas a libertação tem um preço: o pensamento unidimensional não pode reconhecer as potencialidades inerentes e por isso não pode oferecer qualquer orientação para a reforma social. A que critérios podemos apelar? Quais são, por exemplo, os fundamentos para preferir o respeito pela natureza à exploração da natureza, a liberdade à dominação? (FEENBERG: 2005, p. 17. Tradução nossa)

define as coisas a partir do seu movimento no mundo e com o mundo dentro do processo dialético da história.

## O TECNICISMO CIENTÍFICO

Nosso texto basilar, *O Homem Unidimensional* desenvolve a ideia da dominação do homem pelo homem amplamente. Neste texto Marcuse argumenta que a dominação do homem faz parte do desenrolar da história da humanidade, por isso mesmo, não se trata de algo exclusivo da sociedade industrial avançada. Todavia, nesta nova fase da humanidade ligada à produção em larga escala, os fundamentos da dominação mudaram em virtude da transformação drástica da natureza. Em decorrência desta transformação, dirá Marcuse, a dominação realizada pela alta tecnologia engendra uma maior distribuição dos benefícios. Nosso autor envereda por uma reflexão profunda da sociedade industrial avançada na tentativa de compreender a assimilação das forças de protesto contra o sistema pelo próprio sistema de modo que a sociedade contemporânea impede a emergência de outras formas de organização social.

De acordo com Marcuse, a característica fundamental da estrutura das sociedades industriais avançadas está no tecnicismo científico, pois este passa a desempenhar um importante papel na sociedade quanto ao progresso técnico. Este, por sua vez, permite instituir novas formas de controle e exploração do homem e da natureza. Marcuse dedica-se então a compreender como a racionalidade, a razão, que surgiu como uma força crítica transformou-se em racionalidade técnico-científica que serve agora à exploração e à instituição do controle social. Para Marcuse, no entanto, não basta apontar para a relação entre a ciência e o capitalismo, como se a evolução atual da sociedade fosse compreensível apenas mostrando que o capitalismo se apropriou da ciência e que os resultados de sua evolução são consequências de uma má utilização desta e da técnica, há algo mais que nosso autor tenta demonstrar. Para tanto, Marcuse remete ao conceito de tecnicidade, indicando com isso que a técnica não é abordada de uma perspectiva meramente instrumental, enquanto conjunto de instrumentos, meios técnicos e produção de artefatos, mas também, e principalmente, como uma forma de apropriação do mundo e de produção da objetividade. Portanto, a técnica possui caráter existencial e implica uma determinada relação entre o homem e a natureza e, assim, uma determinada ideia de verdade e de objetividade.

Quando uma sociedade em seu modo de produção e de organização passa a ser guiada exclusivamente pela lógica da técnica, então ela torna-se uma sociedade tecnológica, pois há uma continuidade entre o desenvolvimento do pensamento científico mais abstrato e as formas científicas de organização da vida na sociedade contemporânea, reflete Marcuse. Desse modo, a racionalidade científica é o desfecho de um processo, que tem em sua base a



ideia de razão tal como a entendiam os gregos, que na modernidade foi transformada e reduzida à razão técnica. Porém, em seu desenvolvimento ela se torna razão técnico-científica, resultada da união entre ciência e tecnologia. É esse movimento que Marcuse quer entender. Para ele, a racionalidade técnico-científica só pode surgir em virtude da separação entre razão, ética e política.

Neste contexto de separação das dimensões política e ética, Marcuse dirá que seu propósito é demonstrar o caráter instrumentalista interno da racionalidade científica em virtude da qual ela é tecnologia apriorística, e o *a priori* de uma tecnologia específica, a saber, tecnologia como forma de controle e dominação social. Para tanto, Marcuse se refere ao movimento científico declarado por Galileu, pois este criou a ilusão de que a matemática poderia descrever a realidade como uma espécie de verdade autônoma, coisa que apenas mascara a realidade. De acordo com este entendimento, Marcuse afirma o seguinte:

Sem dúvida, a álgebra e a lógica matemática constroem uma realidade ideacional absoluta, livre das incertezas e particularidades incalculáveis do Lebenswelt e dos objetos que nele vivem. Contudo, essa construção ideacional é a teoria e a técnica de idealizar o novo Lebenswelt” (MARCUSE: 1964, p. 157).

Nosso autor faz uma pequena citação de Husserl para ilustrar melhor este seu pensamento: “na prática matemática, alcançamos o que nos é negado na prática empírica, isto é, *exatidão*. Pois é possível determinar as formas em termos de identidade absoluta como tal, elas se tornam universalmente disponíveis e utilizáveis...” (HUSSERL, apud: *ibid*; p. 158). De modo que:

A ciência de Galileu é a ciência da antecipação e projeção metódica e sistemática. Mas – e isso é decisivo – de uma antecipação e projeção específicas – a saber, as que experimentam, compreendem e moldam o mundo em termos de relações calculáveis e previsíveis entre unidades exatamente definíveis. Neste projeto, a quantificabilidade universal é um requisito para a *dominação* da natureza. As quantidades individuais não-quantificáveis se erguem no caminho da organização dos homens e das coisas de acordo com o poder mensurável a ser extraído delas. Mas trata-se de projeto socioeconômico específico, e a consciência que empreende esse projeto é o sujeito oculto da ciência de Galileu; esta é a técnica, a arte da antecipação levada ao infinito (ins Unendlich erweiterte Voraussicht<sup>2</sup>) (MARCUSE: 1964, p. 158).

Para Galileu, de acordo com a reflexão marcuseana, o homem é expulso do mundo real, pois este é constituído por quantificações matemáticas, o que impede aquele de permanecer na condição medieval de centro do universo em virtude de suas paixões e

---

<sup>2</sup> Previsão alargada ao infinito. (Tradução nossa)

subjetividades não serem passíveis de quantificação. Com Galileu surgem os primeiros conceitos da física moderna tais como a força, a aceleração, a velocidade, etc. O conceito de harmonia tão caro a pensadores do porte de Copérnico e Kepler, por exemplo, não satisfazia a Galileu, pois este se ocupava dos movimentos acelerados, os quais pressupõem alguma força como causa. Porém, segundo este entendimento, não sabemos nada a respeito da natureza intrínseca desta força ou de sua essência; só conhecemos, todavia, seus efeitos quantitativos em termos de movimento. Neste sentido, é lícito afirmar que a base metafísica da ciência moderna se apoia na interpretação matemática do movimento. Por outro lado, em Aristóteles, e sob sua influência, durante toda a Idade Média, o humano constitui-se no *telos* ou finalidade do cosmo inteiro enquanto que para Galileu o homem não é quantificável e por isso mesmo não se constitui como o verdadeiro objeto de estudo da nova ciência. Em função desta nova realidade relativa à Revolução Científica liderada por Galileu, Marcuse declara que tal ciência não transcende e não pode transcender o mundo da vida (*Lebenswelt*), pois se limita apenas ao que pode ser quantificável.

O ponto que estou tentando mostrar é que a ciência, *em virtude de seu próprio método* e de seus conceitos, projetou e promoveu um universo do qual a dominação da natureza permaneceu ligada à dominação do homem – uma ligação que tende a ser fatal para esse universo em seu todo. A natureza, cientificamente compreendida e dominada, reaparece no aparato técnico da produção e destruição que mantém e aprimora a vida dos indivíduos enquanto os subordina aos senhores do aparato. Assim, a hierarquia racional se funde com a social. [...] (MARCUSE: 1964, p. 160)

Marcuse tenta demonstrar com este entendimento mencionado acima que a tecnologia participa de um *a priori* de dominação. O que acontece neste processo de dominação tem relação direta com a subordinação dos casos particulares do fazer científico sob um universal. No entanto, a lógica utilizada na ciência de Galileu, entendida como o marco revolucionário da modernidade científica, corresponde a um tipo específico de lógica e de pensamento, por conseguinte. Esta especificidade da lógica na ciência da modernidade constitui-se apenas em um modo de pensar a própria lógica. Noutros termos, Marcuse afirma que tanto a lógica formal clássica quanto a lógica moderna dominam, cada uma dentro de sua especificidade histórica, um universo diferente de locução e de experiência.

## NEUTRALIDADE DA CIÊNCIA

Ainda no que se refere à conceituação marcusiana da técnica na civilização ocidental contemporânea, Marcuse dirá que a suposta neutralidade da técnica científica, amparada no argumento de que um computador pode ser utilizado tanto em uma sociedade capitalista quanto em uma socialista, não se trata, todavia, de ferramentas neutras em modelos distintos de sociedade, pois, citando Karl Marx, Marcuse dirá que o modo de produção e a técnica envolvida se tornam a forma universal de organização da sociedade, há nisto todo um projeto civilizacional e uma totalidade histórica que forjam a cultura e as relações interpessoais. Há, portanto, segundo nosso autor, uma relação muito estreita entre o pensamento científico e sua aplicação, pois ambos se movem sob o prisma da mesma lógica da dominação via racionalidade. Neste sentido, Marcuse argumenta que seu propósito é demonstrar o caráter instrumentalista interno da racionalidade científica em virtude da qual ela é tecnologia como forma de controle e dominação social. Nosso autor declara:

O método científico que levou à dominação cada vez mais eficaz da natureza forneceu, assim, tanto os conceitos puros como os instrumentos para a dominação cada vez maior do homem pelo homem *por meio* da dominação da natureza. A razão teórica, permanecendo pura e neutra, entrou para o serviço da razão prática. A fusão resultou benéfica para ambas. Hoje a dominação se perpetua e se estende não apenas através da tecnologia, mas como tecnologia, e esta garante a grande legitimação do crescente poder político que absorve todas as esferas da cultura. (MARCUSE: 1964, p. 153).

Neste contexto, percebemos que está em jogo uma mecanização da vida causada por este desenvolvimento das relações causais, a partir de uma realidade fenomênica onde a ciência se posiciona centralmente. Seu desdobramento em mundo objetivo versus subjetivo no sentido da negação da dialeticidade do mundo da vida (*Lebenswelt*), segundo Marcuse, concorre para a hegemonia do pensamento único pautado no controle político da natureza e do homem, por conseguinte. Enfrentar esta metanarrativa conflui para a crítica marcusiana ao tecnicismo científico e seu caráter instrumentalista. Esta concepção de crítica ao *status quo* atenta à negação de um suposto imperialismo epistemológico da ciência realizado pelo tecnicismo científico, está amparada na experiência deste mesmo sujeito reflexo de um mundo autodeterminado epistemologicamente e alvo da crítica marcusiana. O homem marcusiano é o homem totalmente desiludido tentando agir em um mundo, mas ao contrário do que realmente acontece, ele está sendo agido e acionado por este mesmo mundo autodeterminado. Por conseguinte, sua subjetividade é determinada, em última instância, pelo contexto de sua

situação histórica pertencente ao pensamento hegemônico que pressupõe a objetividade última do sujeito. Desse modo, Marcuse lança sua crítica a este sistema reificado do pensamento único, mas único em função de sua cegueira epistemológica legitimada pelas relações artificiais da sociedade cuja orientação é o consumo como normatividade ética. A afirmação do pensamento, a partir desta nulidade correspondente a esta autodeterminação do pensamento único, é equivalente ao pensamento positivo causa da racionalidade técnica e a um só tempo, nascido dos avanços tecnológicos cada vez mais presentes na nossa sociedade contemporânea, reflete nosso pensador. Herbert Marcuse dirá que este desenvolvimento tecnológico prova ser a ideologia dominante das sociedades capitalistas do século vinte. Nosso autor acrescenta a este ponto que nestas sociedades julgadas racionais, os acordos e avanços tecnológicos derivam justamente da sociedade cuja racionalidade técnica e a manipulação estão fundidas intimamente nas formas de controle social.

O conceito científico de uma natureza universalmente controlável projetou a natureza como matéria-em-função infundável, mero material da teoria e da prática. Sob essa forma, o mundo-objeto entrou na construção de um universo tecnológico – um universo de instrumentos mentais e físicos, de meios em si. Assim, trata-se de um sistema verdadeiramente “hipotético”, dependendo de um sujeito validador e verificador. Os processos de validação e verificação podem ser puramente teóricos, mas jamais individual. O sistema hipotético de formas e funções se torna dependente de outro sistema – um universo preestabelecido de fins, no qual e *para* o qual se desenvolve. O que pareceu estranho, alheio ao projeto teórico se revela como parte de sua própria estrutura (método e conceito); a objetividade pura se revela como *objeto para uma subjetividade* que garante o *Telos*, os fins. Na construção da realidade tecnológica, não há uma ordem científica puramente racional; o processo da racionalidade tecnológica é um processo político. (MARCUSE: 1964, p. 162).

Fica exposto, portanto, que há uma relação de interdependência entre a técnica da sociedade afluyente e as questões políticas envolvidas nas decisões relativas ao compartilhamento da produção. Nosso autor dirá que há um universo de comodidades óbvias geradas pela produtividade da sociedade afluyente e, por outro lado, o apoio que esta lógica de produção capitalista dá a um sistema de dominação lucrativa facilita sua importação por áreas desenvolvidas do mundo nas quais a introdução de tal sistema ainda significa imenso progresso em termos técnicos e humanos. Contudo, reflete Marcuse:

A estreita inter-relação entre “know-how” técnico e político-manipulativo, entre produtividade lucrativa e dominação, leva à conquista da escassez de armas para conter a libertação. Em grande parte, é a surpreendente *quantidade* de mercadorias, serviços, trabalho e recreação nos países superdesenvolvidos o que efetua essa contenção. Consequentemente, a mudança qualitativa parece pressupor uma mudança *quantitativa* no padrão de vida avançado, a saber, *redução do superdesenvolvimento*. O padrão de vida alcançado nas áreas mais desenvolvidas não constitui modelo apropriado de desenvolvimento se o propósito é pacificação. Em vista do que esse padrão fez ao Homem e à Natureza, deve ser novamente

perguntado se ele vale os sacrifícios e as vítimas feitos em sua defesa. A pergunta deixou de ser irresponsável desde que a “sociedade afluenta” se tornou uma sociedade de mobilização permanente contra o risco de aniquilamento e desde que a venda de suas mercadorias se fez acompanhar de imbecilização, da perpetuação da labuta e da promoção da frustração. (MARCUSE: 1964, p. 223)

A teoria de Marcuse neste ponto especificamente relacionado à suposta neutralidade da ciência, segundo Feenberg, constitui-se em uma crítica da racionalidade, mas seu argumento não se apoia em uma racionalidade abstrata *per se*, mas em sua expressão concreta e histórica definida por ele mesmo como “racionalidade tecnológica”. Neste sentido, por um lado, princípios técnicos se tornam ativos historicamente através de uma cultura de tecnologia; por outro lado, aplicações não são uma função de princípios abstratos sozinhos, mas os incorpora apenas como eles são incorporados em disciplinas técnicas concretas. Como instituições sociais, reflete Feenberg, estas disciplinas operam através de imperativos sociais que influenciam suas formulações dos problemas técnicos e soluções e aparecem nas aplicações que eles projetam. Em virtude do projeto ser tecnicamente sub determinado, dirá este analista da teoria marcuseana, esta “mistura” do técnico e do social não é extrínseca ou acidental, mas ao invés, é definidora da natureza mesma da tecnologia. Desse modo, uma interpretação plausível do que Marcuse quis dizer pelo termo “racionalidade tecnológica” muito presente em sua principal obra, a saber, *O Homem Unidimensional*, refere-se aos imperativos sociais mais fundamentais na forma em que eles são internalizados por uma cultura técnica. A teoria de Marcuse, segundo Feenberg, expressa que no nível das formas históricas concretas da cultura técnica, há espaço para uma variedade de “racionalidades” diferentes, no sentido concreto e social do termo em Marcuse, e é responsabilidade nossa julgar entre elas e escolher a melhor. Nenhuma é realmente “neutra”, nem mesmo a tecnologia básica da ciência moderna, reflete. Cada uma incorpora um projeto histórico, uma resolução dos aspectos subdeterminados tecnicamente do projeto de dispositivos e sistemas, dirá Feenberg.

Em sua reflexão sobre o pensamento marcuseano, Feenberg argumenta ainda que outra questão importante sobre o condicionamento é o fato de que a tecnologia não é apenas importante para a unidimensionalidade social, mas é a condição mesma do poder político. Pela razão simples de que o sistema tecnológico é gerador de uma produção convertível em poder político, sobretudo militar e em bens econômicos ou, dito de outro modo, constitui a infraestrutura do poder político estatal e do potencial econômico nacional, afirma. Em outras palavras, isso significa que a tecnologia não participa da dinâmica política como mero instrumento para a consecução de interesses ou políticas específicas, mas atravessa a

dimensão política de forma decisiva e significativa. Na sociedade unidimensional denunciada por Marcuse, afirma Feenberg, a tecnologia se converte em tecnocracia, ou seja, para compreendermos a natureza desta sociedade é preciso considerar o modo como ela necessariamente adota uma política tecnológica específica que admite a tecnologia como principal instrumento de repressão e condicionamento. Diferentemente das sociedades tradicionais que bloqueiam o desenvolvimento técnico, visto que tal desenvolvimento ameaça o sistema de crenças, poderes e hierarquias sociais estabelecidos, a tecnocracia irrompe quando o sistema institucional assume a promoção do desenvolvimento técnico como uma das funções permanentes e exclusivas ao *status quo*.

Da mesma forma, corroborando este entendimento desenvolvido por Feenberg a respeito da teoria marcuseana, Søren Riis argumenta que a essência da tecnologia não é de forma alguma tecnológica. Assim, nunca experimentaremos a nossa relação com a essência da tecnologia enquanto nos limitarmos a concebê-la e a impulsioná-la no sentido da tolerância ou evasão, afirma este pesquisador da tecnologia. Por todo o lado, conclui, continuamos presos e acorrentados à tecnologia, quer a afirmemos apaixonadamente ou a neguemos. Mas somos entregues a ela da pior forma possível quando a consideramos como algo neutro; pois esta concepção da mesma, à qual hoje gostamos particularmente de prestar homenagem, torna-nos totalmente cegos à essência da tecnologia, afirma o referido pesquisador.

Por outro lado, segundo Feenberg em sua reflexão acerca da obra *Dialética do Iluminismo*, seus autores, Adorno e Horkheimer argumentam que a instrumentalidade em si mesma, é uma forma de domínio, que ao controlar os objetos, viola a sua integridade, suprimindo-os e destruindo-os. Se assim for, reflete Feenberg, então a tecnologia não é neutra e seu uso já implica uma tomada de posição de valor. “[...] A tese da neutralidade obscurece as dimensões sociais da tecnologia na base da qual uma crítica poderia se desenvolver. [...]” (FEENBERG: p. 260). Neste sentido, Feenberg afirma o seguinte:

Marcuse presents his conception of the neutrality of the cognitive-instrumental sphere in the essay on Weber, when he shows that it is a special kind of ideological illusion. He grants that technical principles can be abstracted from any content, that is, from any interest or ideology. However, as such, they are mere abstractions. As soon as they enter the real, they take on specific social and historical content.<sup>3</sup>

---

<sup>3</sup> Marcuse apresenta a sua concepção da neutralidade da esfera cognitivo-instrumental no ensaio sobre Weber, quando mostra que se trata de um tipo especial de ilusão ideológica. Ele concebe que os princípios técnicos podem ser abstraídos de qualquer conteúdo, ou seja, de qualquer interesse ou ideologia. No entanto, como tal, são meras abstrações. Assim que entram no real, assumem um conteúdo social e histórico específico. (FEENBERG: 2005, p. 270. Tradução nossa)

Corroborando ainda mais este entendimento ponderado acima, Marcuse faz a seguinte reflexão:

O *a priori* tecnológico é um *a priori* político considerando-se que a transformação da natureza compreende a do homem, e que as “criações de autoria do homem” partem de um conjunto social e reingressam nele. Poder-se-á ainda insistir em que a maquinaria do universo tecnológico é, “como tal”, indiferente aos fins políticos – pode revolucionar ou retardar uma sociedade. Um computador eletrônico pode servir ao mesmo tempo a uma administração capitalista ou socialista; um ciclótron pode ser uma ferramenta igualmente eficiente para um grupo bélico ou um grupo pacifista. Essa neutralidade é contestada na discutida declaração de Marx de que “o engenho manual dá-lhe (sic) com o senhor feudal; o engenho a vapor, com o capitalista industrial”. E essa declaração é mais adiante modificada pela própria teoria marxista: o modo social de produção, e não a técnica, é o fator histórico básico. Contudo, quando a técnica se torna a forma universal de produção material, circunscreve toda uma cultura; projeta uma totalidade histórica – um “mundo”. (MARCUSE: 1964, p. 150)

Dentro do tema referido acima acerca da suposta neutralidade da tecnologia, reiteradamente reflete Feenberg, durante todo o século vinte acreditou-se que o progresso técnico estava na base do avanço da humanidade em direção à liberdade e felicidade. Note-se a ligação entre o humanismo e o determinismo da visão herdada do positivismo novecentista, afirma. É claro que os pensadores progressistas estavam bem conscientes das divisões sociais que impediam a humanidade enquanto tal de agir como o sujeito concreto da sua própria história, conclui este examinador da obra marcuseana. Contudo, a tecnologia foi considerada neutra sem fins ideológicos ou apenas a expressão de meios subservientes para fins escolhidos independentemente, mas se trata de uma visão equivocada em vista de que não é mais possível sustentá-la em virtude exatamente do que foi demonstrado acima acerca das implicações da tecnologia na vida em sociedade.

## ALIENAÇÃO

Marcuse argumenta que o aumento exponencial de satisfação social promovida pelo avanço tecnológico foi capaz de gerar nas consciências o sentimento de que está tudo bem, pois há uma melhora crescente no nível de vida e aumento do consumo das massas e, em decorrência, um amortecimento das possibilidades de transcendência, de superação ao *status quo*. O uso da ciência na dominação da natureza, que permitiu uma melhora do nível de vida de uma parcela da população, ao mesmo tempo forneceu os instrumentos para a subjugação dos indivíduos pelos mestres do aparelho, dirá Marcuse. Neste sentido, a dominação da natureza e por tabela a dominação do homem andam lado a lado numa sociedade em que a ciência transformou-se em um método quantificador eficiente e estabilizador. Apenas por meio da tecnologia o homem e a natureza se tornam objetos de organização intercambiáveis, reflete nosso autor. Assim, a racionalidade técnica, enquanto razão instrumental foi posta a serviço dos interesses que determinam a racionalidade política. Marcuse dirá que a diminuição da escassez contribui para a manutenção da opressão liderada pelas classes dirigentes enquanto que o povo naufraga em uma espécie de vertigem alucinada em busca de satisfação pessoal através do consumo. Todavia, segundo nosso autor, apenas pequenos setores da sociedade industrial desenvolvida consegue de fato vencer as limitações impostas pela escassez da vida material. Desse modo, a prosperidade das classes dirigentes encobre o inferno dentro e fora das fronteiras dos países desenvolvidos economicamente.

Marcuse argumenta que toda a produção capitalista contribui para uma afirmação de um estilo de vida cada vez mais alienante em função da identidade criada em torno dos objetos de consumo lançados no mercado e símbolos de satisfação pessoal. Segundo esta sua análise, nós estamos vivenciando um momento civilizacional vexatório, mormente a crescente irracionalidade do caráter racional da sociedade industrial avançada. Nosso autor afirma que:

A produtividade e a eficiência, sua capacidade de aumentar e espalhar o conforto, de transformar lixo em necessidade, destruição em construção, na medida em que esta civilização transforma o mundo em uma extensão da mente e do corpo humanos, tudo isso faz com que a noção de alienação seja questionada, pois as pessoas se reconhecem em seus objetos; elas encontram suas almas em seus carros, equipamentos hi-fi, casa com primeiro andar e escada interna, cozinhas equipadas com aparelhos eletrodomésticos. Os próprios mecanismos que amarram o indivíduo a esta sociedade mudou, e o controle social é ancorado nas novas necessidades que ela produziu. (MARCUSE: 1964, p. 11)

A concepção de essência de Marcuse não é transcendental, mas histórica. Isso quer dizer que não há essência humana separada do contexto histórico. Dentro do contexto de



acontecimentos históricos, dentro da existência material, o que o ser humano potencialmente poderia ser está já presente. Por exemplo, reflete nosso filósofo, parece lógico asseverar que o ser humano não gostaria de passar toda sua vida engajada em trabalho alienado apenas para permanecer na pobreza. No entanto, essa é precisamente a situação em que muitos seres humanos se encontram. Todavia, essência está contida nesta aparência histórica de modo que o potencial do trabalhador para ser livre da exploração e da fadiga alienante está presente como uma possibilidade real que precisa ser atualizada. Em uma sociedade onde o trabalhador trabalha há riqueza suficiente produzida pelo trabalhador para libertá-lo da fadiga interminável, reflete Marcuse.

Trabalhadores individuais continuam engajados em trabalho alienado apesar de seu trabalho produzir riqueza suficiente para mantê-los sob o prisma do descanso. Todavia, dirá Marcuse, o problema é que o sistema capitalista é estruturado de tal modo que toda a riqueza vai para uma minoria que detém o controle dos meios de produção. Apesar de que a riqueza é socialmente produzida, sua posse e uso são restritos a poucos indivíduos. Desse modo, o conceito de escassez se tornou obsoleto e é usado em um sentido ideológico para controlar o trabalhador. As inibições e as formas de repressão que o trabalhador tem que se impor o obriga a direcionar sua energia para o trabalho a fim de produzir as mercadorias que ele precisa para sua subsistência, mas ao invés, ele as produz para o capitalista.

Ainda, segundo Marcuse, a alienação se torna inquestionável quando os indivíduos se identificam com uma existência imposta, mas que representa seu desenvolvimento e sua satisfação. Este modelo de sociedade, portanto, possui apenas uma dimensão, pois está hoje em toda parte apresentando todas as suas formas de dominação. O progresso da técnica e da ciência, nestes termos, dispensa justificação porquanto se baseia na irracionalidade de uma falsa consciência que se torna verdadeira, afirma Marcuse. Nosso autor argumenta que na sociedade industrial avançada, os indivíduos se identificam com a existência que lhes é imposta, mas que tais indivíduos absorvem a realidade através das lentes do consumo anestesiante de bens renováveis. Essa identificação não é uma ilusão, mas uma realidade, dirá Marcuse. As conquistas do progresso desafiam tanto a condenação como a justificação ideológica; perante o tribunal dessas conquistas, a falsa consciência de sua racionalidade se torna a verdadeira consciência.

[...] o conceito de alienação parece tornar-se questionável quando os indivíduos se identificam com a existência que lhes é imposta e tem nela seu próprio desenvolvimento e satisfação. Essa identificação não é uma ilusão, mas uma realidade. Contudo, a realidade constitui uma etapa mais progressiva de alienação. Esta se tornou inteiramente objetiva. O sujeito que é alienado é engolfado por sua

existência alienada. Há apenas uma dimensão, que está em toda parte e tem todas as formas. (MARCUSE: 1964, p. 52)

De acordo com o exposto, Marcuse argumenta que a sociedade industrial recente aumentou a necessidade de funções parasitárias e alienadas. Os mecanismos de doutrinação fazem parte do programa de alienação, ao contrário do que se poderia pensar acerca dos elementos que supostamente seriam causa de custos dispendiosos da produção. Marcuse dirá, em linhas gerais, que o desperdício planejado faz parte do processo de racionalização contínua e, para tanto, é preciso um aumento constante do uso de técnicas avançadas. Neste ponto, Marcuse argumenta o seguinte:

A sociedade industrial recente aumentou, em vez de reduzir a necessidade de funções parasitárias e alienadas (para a sociedade em seu todo, se não mesmo para o indivíduo). Os anúncios, as relações públicas, a doutrinação e o obsolescência planejado não mais são custos improdutivos gerais, mas elementos dos custos básicos da produção. Para ser eficaz, tal produção de desperdício socialmente necessário exige a racionalização contínua – a utilização incessante de técnicas avançadas e ciência. Conseqüentemente, um padrão de vida crescente é o subproduto inevitável da sociedade industrial politicamente manipulada, uma vez ultrapassado certo nível de atraso. A produtividade crescente do trabalho cria crescente produto excedente que, quer particular, quer centralmente destinado e distribuído, permite um consumo aumentado - não obstante o desvio aumentado da produtividade. Enquanto prevalecer essa constelação, ela reduzirá o valor de uso da liberdade, não havendo razão alguma para insistir na autodeterminação se a vida administrada for confortável e até “boa”. Este é o terreno racional e material para a unificação dos opostos, para o comportamento unidimensional. Sobre essa base, as forças políticas transcendentais *dentro* da sociedade são impedidas, e a transformação qualitativa parece possível somente *do exterior*. (MARCUSE: 1964, p. 63)

De acordo com o exposto, faz sentido dizer que a tecnologia, como crenças religiosas ou costumes sociais, tem validade apenas como ela é parte dos mitos compartilhados a que ela pertence. Este princípio técnico científico sublinhando tecnologias teria que ser tratada no mesmo termo como rituais mágicos ou doutrinas políticas, afirma Kellner. Este pensador da teoria marcuseana pondera que há um constante crescimento da ilusão acerca da suposta satisfação geral obtida a partir dos bens de consumo produzidos em larga escala e lançados no mercado. Neste contexto de frenesi em torno de tais artefatos símbolos de prazer e satisfação, reflete Kellner, a tecnologia surge da tentativa de estender socialmente tecnologias concretas aos moldes dos princípios técnicos abstratos que ela encorpa em uma única combinação de valores, a saber, cidadania como sinônimo de consumismo. Este é um ponto central na filosofia de Marcuse, segundo Kellner, pois de acordo com as escolhas tecnológicas, como todos os outros aspectos da produção, a busca de eficiência envolve a imposição de controle efetivo, não apenas sobre a natureza, mas também sobre os seres humanos no trabalho, isso

significa, portanto, a crença disseminada na realização individual através da aquisição de bens de consumo. A definição de bens de consumo, ou objetos sociais, por conseguinte, neste sentido, afirma Kellner, tem ligação direta com o critério de meios e fins de racionalidade, conceitos de eficiência, progresso e assim por diante, todos exibem esta tendenciosidade apriorística para a dominação via direcionamento do prazer em consumir.

The concept of “efficiency,” for example, implicitly includes domination of the labor force without reference to the problems of capitalist labor discipline because such domination is already implied in the very notion of means/ends rationality in this society. Marcuse argues that today technological rationality is no longer simply biased in its operational employment, but has become a legitimating mechanism for the perpetuation of domination.<sup>4</sup>

Marcuse argumenta, portanto, que hoje a racionalidade tecnológica não é mais tendenciosa no seu emprego operacional, mas tem se tornado um mecanismo legitimador da perpetuação dos mecanismos de domínio via alienação em massa. Nestes termos, a racionalidade tecnológica tende cada vez mais a dar suporte ao sistema como o único jeito aparentemente eficiente de operar a sociedade tecnológica. O problema não é mais a inabilidade do capitalismo em fazer uso efetivo das tecnologias que ele desenvolveu, analisa Kellner, mas as consequências humanas catastróficas do uso efetivo dessas tecnologias em virtude do alto grau de alheamento da população em geral relativo aos rumos nefastos da política desenvolvimentista. Neste sentido, a universalização dos modos técnicos de produção e de pensamento muda as condições culturais relativas aos pressupostos pela teoria progressista da luta emancipatória.

De acordo com Kellner, Marx rejeitou o pensamento utópico em favor da ideia de um processo dinâmico de mudanças sociais que começaria com a herança capitalista e gradualmente o transformaria sob as condições do novo poder de classe. No entanto, reflete este analista da teoria marcuseana, o pensamento de Marcuse não se guia por estes pressupostos da teoria marxista, em função justamente de não haver tais condições presentes na sociedade. Isso significa dizer que a teoria marxista deveria ser reformulada, dirá Kellner, mas isto é tema para uma outra pesquisa, pois o importante neste momento, de acordo com nossa interpretação, tem a ver com o entendimento marcuseano a respeito do poder inebriante do consumo alienado. Só desmistificando esta prática do consumo excessivo, poderemos

---

<sup>4</sup> O conceito de “eficiência”, por exemplo, inclui implicitamente a dominação da força de trabalho sem referência aos problemas da disciplina capitalista do trabalho, porque tal dominação já está implícita na própria noção de racionalidade dos meios/ fins nesta sociedade. Marcuse argumenta que hoje em dia a racionalidade tecnológica já não é simplesmente tendenciosa no seu emprego operacional, mas tornou-se um mecanismo legitimador para a perpetuação da dominação. (KELLNER: 2005, p. 340. Tradução nossa)

pensar em mudanças favoráveis aos trabalhadores, afirma Kellner. Por outro lado, ainda na conceituação deste pensador da filosofia marcuseana, a racionalidade técnica não é apenas uma categoria epistemológica, mas também uma categoria civilizacional. O complexo formado pela sociedade moderna e a tecnologia não é mais neutra do que as catedrais medievais ou as pirâmides egípcias, afirma, mas encorpa os valores específicos de uma civilização específica, a saber, a civilização ocidental, a civilização da “Razão”. (Kellner: 2005) A busca do filósofo, desse ponto de vista, segundo Kellner, é articular e julgar esses valores encorpados nestas tecnologias e no curso destas ações descortinarem a alienação da razão por ela mesma.

A alienação promovida pela sociedade tecnicista implica em seu turno em um tipo de tendenciosidade. Esta é a maior tese em tecnologia de Marcuse, afirma Kellner, pois há uma conexão *a priori* intrínseca entre racionalidade técnica científica e dominação. É a concepção tradicional de verdade em si mesma que está em questão porque aquela concepção está baseada na concepção teológica que a verdade é um tipo de conhecimento alcançado por um sujeito desencorpado e descontextualizado, afirma. Para se livrar deste conceito de verdade dessa concepção teológica, reflete Kellner a respeito deste ponto específico da teoria marcuseana, ele deve ser sujeito a um ou outro tipo de reconstrução radical de acordo com exigências ontológicas de uma concepção de universo em que mesmo a hipótese de um sujeito infinito de conhecimento é descartada como sem sentido.

## **DOMINAÇÃO DO HOMEM PELO HOMEM**

De acordo com Marcuse, a absorção da obsolescência planejada mencionada acima, é justificada pelo progresso técnico, pois a recusa de uma possível reversão das mazelas sociais a favor dos excluídos do sistema é corroborada e legitimada pela suavização da miséria na sociedade industrial desenvolvida. A liquidação da cultura superior é um subproduto da conquista da natureza e da conquista progressiva da escassez. Invalidando, desse modo, as imagens acalentadas da transcendência pela incorporação em sua realidade cotidiana onipresente, essa sociedade dá o testemunho do quanto conflitos insolúveis se estão tornando controláveis. Neste contexto, Marcuse chama a atenção para o fato de que há uma continuidade entre o desenvolvimento do pensamento científico mais abstrato e as formas científicas de organização da vida na sociedade contemporânea. Isso acontece em função de que a transformação da natureza compreende a transformação do homem, como já mencionado; desse modo, não podemos conceber uma prática científica que seja neutra diante das questões políticas em que a tecnologia se desenvolve, afirma nosso autor. Porém, em seu desenvolvimento ela se torna razão técnico-científica resultada da sua união com a ciência. Marcuse tenta entender esta relação, pois, para ele, a racionalidade técnico-científica só pode surgir em virtude da separação entre razão, ética e política estabelecida forçosamente por sua suposta neutralidade. Desse modo, Marcuse procura entender como esta relação aconteceu e foi possível à ciência alcançar simultaneamente o máximo de intervenção prática no mundo de maneira que ela se constitui numa relação essencialmente prática com o sujeito que realiza a experiência científica. Dito de outro modo, de acordo com este entendimento marcuseano, o método científico que permitiu uma dominação cada vez mais eficaz da natureza forneceu não apenas os conceitos puros, mas também o conjunto de instrumentos que favorecem a dominação do homem pelo homem cada vez mais eficaz através da dominação da natureza.

O ponto central desta discussão, segundo Marcuse, é que a dominação não requer mais o uso da força bruta ou a presença de uma figura autoritária. A função do pensamento unidimensional é produzir uma sociedade unidimensional ao reduzir a consciência crítica e multidimensional. Isso é realizado de várias formas, afirma nosso autor, tais como o sistema faz com que os cidadãos pensem que eles são mais livres do que realmente são. Além disso, tal sistema também abastece os cidadãos com mercadorias suficientes para mantê-los pacificados. Outro ponto interessante nesta questão é que os cidadãos se identificam com suas opressões. Por fim, o discurso político é eliminado.

Marcuse argumenta que a dominação via racionalidade tecnológica é baseada em um

sistema de produção em que o aparato produtivo através da manufatura, distribuição, e serviços, é caracterizado pela crescente centralização, coordenação e harmonização de todos os componentes constitutivos. Trata-se, portanto, de uma divisão progressiva do trabalho para o propósito de aperfeiçoar as capacidades de produção material e uma crescente padronização e racionalização dos métodos de produção. Isso significa dizer, segundo nosso autor, que a contínua utilização expansiva da tecnologia na produção inicia uma lógica social totalizadora e perversa, que constitui-se na racionalidade tecnológica na qual as mudanças potenciais para os propósitos e objetivos do sistema produtivo são subordinadas às virtudes presumidas de uma eficiência técnica cada vez maior, conveniência tecnológica, e crescimento material.

Corroborando esta reflexão marcuseana, Riis argumenta que a tecnologia nos seus primórdios da era clássica já se manifestava em sintonia com esta perspectiva de dominação da natureza, e, por conseguinte, a dominação do homem. Segundo ele, de acordo com a abordagem científica moderna, a natureza oferece suas imperfeições para serem corrigidas pelo processo tecnológico. Desse modo, o homem e suas imperfeições juntamente com a natureza mesma podem sofrer uma intervenção tecnológica positiva com base nas expectativas de melhora do organismo vivo. Dito de outro modo, a tecnologia nestes termos representa a completude de uma natureza imperfeita. Seu argumento pode ser mais bem visualizado do seguinte modo. Riis afirma:

When, for instance, a doctor heals a deformity with his medical knowledge and technology, he corrects a mistake of nature and completes, according to Aristotle, a work that the physis itself would not be able to do by itself. In the assumption that mistakes can occur in nature is an indirect teleology and a massive challenge to nature and this is evoked by ancient technology. Accordingly, it is not only possible to justify interventions in nature, but humans should also strive to intervene in and challenge nature. When something is classified as a “mistake,” the knowledge of how nature should have been is implicitly expressed; in this seemingly innocent but in fact most controversial and influential notion of nature is simultaneously the imperative to eliminate its mistakes. To identify any “mistake” in nature, nature must first be set up in a framework and defined by rules and principles, and subsequently be deemed worthy or unworthy according to these standards.<sup>5</sup>

De acordo com o exposto acima a respeito de uma natureza como mera função da

---

<sup>5</sup> Quando, por exemplo, um médico cura uma deformidade com a aplicação dos seus conhecimentos médicos e da tecnologia, ele corrige um erro da natureza e completa, segundo Aristóteles, uma obra que a própria natureza não seria capaz de fazer por si só. No pressuposto de que os erros podem ocorrer na natureza está uma teleologia indireta e um enorme desafio à natureza, o que é evocado pela tecnologia antiga. Assim, não só é possível justificar intervenções na natureza, como também os humanos devem esforçar-se por intervir nela e desafiá-la. Quando algo é classificado como um “erro”, o conhecimento de como a natureza deveria ser está implicitamente expresso; nesta noção aparentemente inocente, mas de fato mais controversa e influente da natureza é simultaneamente o imperativo para eliminar os seus erros. Para identificar qualquer “erro” na natureza, ela deve primeiro ser estabelecida num quadro e definida por regras e princípios, e subsequentemente ser considerada digna ou indigna de acordo com estas normas. (RIIS, 2018: p. 208. Tradução nossa).

tecnologia teleológica, Marcuse argumenta, portanto, que a sociedade industrial avançada e a racionalidade tecnológica são as mais recentes expressões de um projeto específico no centro do que é a experiência, transformação e organização da natureza como mera coisa para ser dominada. Temos então, diante de nossos olhos, o modelo instrumentalista da sociedade denunciada por Marcuse, e como este projeto se desenrola, pois na medida em que ele molda todo o universo do discurso e ação, a cultura material e intelectual, o universo do discurso unidimensional se impõe. No meio da tecnologia, a cultura, a política, e a economia fundem-se em um sistema onipresente que engole ou repele todas as alternativas. O potencial de crescimento e produtividade desse sistema estabiliza a sociedade e contém o progresso técnico dentro da estrutura de dominação.

Nossa sociedade se distingue por conquistar as forças sociais centrífugas com a tecnologia ao invés do uso do terror, reflete Marcuse, na base dual de uma eficiência esmagadora e em um padrão de vida crescente. À primeira vista, pareceria que um regime que produzisse uma união feliz embora profundamente manipulada entre as necessidades mais fundamentais de seus cidadãos e as comodidades abundantes de seu aparato produtivo teria resolvido o problema da alienação. Todavia, Marcuse nos garante que o contrário é o caso, pois a alienação não tem sido eliminada pela sociedade unidimensional, mas que se elevou para um nível mais eficiente.

## MECANIZAÇÃO DA VIDA

Marcuse envereda por uma reflexão dos mecanismos que justificam a experiência do fazer científico enquanto marcado por cálculos e medidas dos objetos da percepção sensorial. Dito de outro modo, nosso autor justifica a preponderância do método científico na sociedade contemporânea a partir da submissão de qualquer análise que se faça da realidade sob o prisma da técnica. A experiência válida nestes termos significa que os componentes da realidade são explicados dentro de relações de causalidade como se tudo fosse redutível à compreensão de uma máquina em funcionamento. Esta nova concepção de razão na ciência moderna, cujo ápice se encontra justamente em nossa contemporaneidade, constitui-se como um modo de experiência e entendimento do mundo sem rivais argumentativos. Por conseguinte, a ciência moderna traz consigo uma nova forma de expectativa de conhecimento da realidade em que tudo pode ser entendido como um fato revelado pelo seu funcionamento mecânico. A partir deste ponto, podemos perceber que a inserção do homem neste contexto se faz sob a condição de uma coisa no meio de várias outras, isto é, desde que se possa medir e calcular seus movimentos, será sempre possível estabelecer níveis de relação causal entre o conjunto de suas experiências e a objetificação da experiência científica. Esta reflexão em Marcuse é bastante reveladora da relação entre a desumanização do homem e a preponderância da técnica científica da nossa contemporaneidade. Todavia, sabe-se que medir o interior do homem significa incluir nesta medição os valores que este ser singular traz consigo. A partir deste ponto de vista, a experiência científica torna-se problemática em função do pressuposto da quantificação tão eficaz nos experimentos objetivados na natureza não promoverem repercussão ou desdobramento na melhor compreensão do ser humano e toda sua singularidade. A questão é que a ciência transforma tudo em quantificação de modo que este procedimento elimina a atribuição de valor do seu fazer no mundo. Por conseguinte, se afirma que a ciência é neutra quanto à atribuição de valor a seus experimentos, pois a base desta conclusão está na suposta indiferença do fazer científico quanto aos interesses subjetivos do mundo. O mundo dos sentimentos, portanto, é excluído da objetividade científica. Temos, por conseguinte, o percurso da técnica bem traçado, pois as questões relativas aos valores subjetivos do homem foram postos de fora da experiência científica de modo que o mundo agora está totalmente instrumentalizado, resta apenas seguir o pressuposto providenciado pela técnica em larga escala. No entanto, Marcuse dirá que a conexão entre o pressuposto de neutralidade científica e a técnica que se utiliza no fazer da ciência contribui



para a potencialização do entendimento da natureza enquanto mero instrumento, o que acarretará nos sistemas de controle da vida e conseqüentemente a coisificação da subjetividade humana. Percebemos então que há uma instrumentalização do fazer científico que põe em uma relação de interdependência a ciência propriamente dita e a técnica que se utiliza. Noutros termos, a unidade entre tecnologia e ciência reside no fato de que a realidade quantificável da ciência é a realidade instrumentalizável da sociedade.

O conceito de instrumentalidade oferecido por Marcuse é a chave para a compreensão dos mecanismos de dominação via racionalidade. Segundo nosso autor, só através da atitude instrumentalista é que se torna possível conceber a vida como elemento de quantificação. Desse modo, podemos falar em instrumentalismo nos termos de uma racionalidade que substitui as crenças e práticas das tradições e culturas milenares por meras quantificações dos objetos da percepção. Noutros termos, corroborando a assertiva da equivalência entre quantificação científica e instrumentalismo da sociedade, Marcuse afirma que este seja o sentido que a noção de conhecimento assume na contemporaneidade, a saber, conhecimento como forma de poder, não meramente uma forma de poder, mas como correspondente à ideologia dominante ao definir conhecimento a partir da expectativa de que tudo pode ser compreendido como um fato revelado quantitativamente. Dito de outro modo, trazendo a discussão feita por Feenberg acerca deste tema especificamente, o instrumentalismo da sociedade contemporânea corresponde à mudança de perspectiva em torno do conceito de experiência do fazer científico. Segundo Feenberg, a ciência moderna substitui a noção clássica de essencialidade dos objetos da razão, colocando em seu lugar, a noção de quantificação destes mesmos objetos. Os objetos da experiência científica, portanto, se transformam em componentes separados e medidos em uma relação meramente causal ao modo de uma máquina natural em funcionamento. Vejamos como este analista da filosofia marcuseana define esta passagem da era clássica para a compreensão científica moderna:

Science does not address experience in its immediacy but transforms everything it encounters into quantities. This stance eliminates purpose from the world; quantities are alien to values. This is the basis of the value-neutrality of science, its indifference to the good and the beautiful in the interests of the true. But values do exist and must have a place in the universe. Hence correlated with the quantified reality of science there is an inner world in which everything associated with value takes refuge. This inner world of subjective feelings is excluded from the objective world science explains<sup>6</sup>.

---

<sup>6</sup> A ciência não aborda a experiência no seu imediatismo, mas transforma tudo o que encontra em quantidades. Esta postura elimina o propósito do mundo; as quantidades são alheias aos valores. Esta é a base da neutralidade de valores da ciência, da sua indiferença pelo bem e pelo belo, no interesse do verdadeiro. Mas os valores existem e devem ter um lugar no universo. Assim, correlacionado com a realidade quantificada da ciência, existe um mundo interior em que tudo o que está associado ao valor se refugia. Este mundo interior de sentimentos

De acordo com o exposto acima, um mundo separado das questões ligadas aos valores é um mundo propício ao controle instrumental irrestrito. Feenberg dirá que a pesquisa científica dentro desta estrutura instrumentalista assume o caráter de neutralidade e inocência. Todavia, esta inocência é perdida quando as possibilidades do controle instrumental são exploradas em uma escala tecnológica mais ampla. Esta é, portanto, segundo Feenberg, a conexão inerente entre ciência e tecnologia. Destarte, o que é mensurável e quantificável nos experimentos e explicações científicas são, por conseguinte, a matéria prima da produção em larga escala na sociedade. Neste ponto especificamente Marcuse dirá que:

[...] a nova racionalidade científica está contida em si mesma, em sua própria abstração e pureza operacional na medida em que se desenvolveu sob horizonte instrumentalista. A observação e a experimentação, a organização e a coordenação metódicas dos dados, proposições e conclusões nunca prosseguem em espaço teórico não-estruturado e neutro. O projeto de cognição envolve operações sobre o objeto, ou abstrações dos objetos que ocorrem num determinado universo da locução e da ação. A ciência observa, calcula teoriza de uma posição no universo. As estrelas que Galileu observou eram as mesmas na antiguidade clássica, mas o universo diferente da locução e da ação – em suma, a realidade social diferente – abriu a nova direção e o novo raio de observação, bem como as possibilidades de ordenar os dados observados. Não me preocupo aqui com a relação histórica entre racionalidade científica e social no início do período moderno. O meu propósito é demonstrar o caráter instrumentalista *interno* desta racionalidade científica em virtude da qual ela é tecnologia apriorística, e o *a priori* de uma tecnologia *específica* – a saber, tecnologia como forma de controle e dominação social. (MARCUSE: 1964, p. 152)

Neste contexto exposto acima ligado aos mecanismos de dominação por meio da racionalidade científica, Marcuse utiliza-se da noção de mundo da vida (*Lebenswelt*) para enquadrar a ciência em sua verdadeira forma, a saber, um modo específico de conhecer. Tal modo, de acordo com este entendimento, corresponde às formas da vida prática encontradas pelos indivíduos em seu cotidiano. Dito de outro modo, o contexto de vida no sistema capitalista é equivalente às formas de dominação da natureza e do homem realizadas pela tecnociência. As qualidades deste e daquela não entram no cômputo da organização do pensamento racional, pois como já mencionado, não interessa à ciência de um modo geral derivar suas conclusões com base em subjetividades. Por isso mesmo, as características humanas não quantificáveis são esquecidas a favor de uma postura racionalista que toma os homens e as coisas em um mesmo padrão de reificação, ou coisificação capaz de torná-los mensuráveis. No entanto, Marcuse está consciente de que se trata de um fenômeno sócio histórico específico, pois a consciência que empreende este fazer científico no mundo da vida, segundo nosso pensador, e que contribui para a mecanização da vida corresponde exatamente ao projeto de ciência iniciado por Galileu.

Segundo Feenberg, a conclusão que Marcuse chega em função deste entendimento da mecanização da vida causada por este imperialismo epistemológico da tecnociência, compreende a conjugação entre ciência, tecnologia e sociedade em um nível de formas da experiência científica sedimentada nas exigências do sistema capitalista e o mundo que este projeta. Desse modo, de acordo com este entendimento sinalizado por este comentador da obra marcuseana, a ciência e a tecnologia não podem de maneira alguma transcender este mesmo mundo que elas projetam. Muito pelo contrário, a tecnociência em questão reproduz um mundo auto refletido e inerentemente conservador de seus pressupostos. (FEENBERG: 2002). Mas não se trata de um procedimento científico equivocado quando se fala em mecanização da vida causada por um suposto imperialismo epistemológico da ciência, pois observamos um imenso sucesso relativo ao domínio tecnológico em relação às formas de ciência anteriores à Revolução Científica liderada por Galileu. O que Marcuse trata, todavia, se refere ao ajustamento intrínseco ao modelo de coisificação do mundo por parte da tecnologia e da ciência.

## PAPEL DA FILOSOFIA

A filosofia cumpre um papel muito importante para a crítica ao tecnicismo da ciência realizada por Marcuse. De acordo com seu pensamento, a sociedade da técnica é o palco da distribuição desigual do poder cuja noção fundamental amparada na dependência da ordem objetiva das coisas, constitui-se na alavanca fabricadora de dinheiro para indivíduos esmagados por uma realidade instrumentalizada. Desse modo, nosso autor argumenta que a filosofia da nossa contemporaneidade, ao fazer uso de uma linguagem ordinária cuja fundamentação se confunde com os afazeres da vida doméstica, entra em rota de colisão com o pensamento especulativo capaz de imaginar uma alternativa ao *status quo*. Por isso mesmo, Marcuse afirma que uma linguagem filosófica ao se posicionar dentro de um alcance limitado, abdica de seu projeto de crítica ao universo unidimensional predominante nas sociedades tecnicistas do século vinte e que repercute neste início de século vinte e um. A filosofia, dentro deste contexto, sofre uma tentativa cada vez mais presente em seu discurso, que define seu alcance como sendo incapaz de interferir nesta mesma sociedade em que ela se lança ao debate monocrático da verdade única, pois a filosofia deixa a realidade tecnicista intocável. Neste momento, a mistificação do mundo da verdade única acontece no modelo de entendimento orientado pelo princípio da ordem objetiva das coisas. O avanço da sociedade tecnicista, segundo Marcuse, causou uma mudança na orientação da filosofia de modo que a realidade ideológica se apresenta como normatividade epistemológica dentro do misticismo criado pela própria filosofia. Nosso autor dirá o seguinte: “O esforço contemporâneo de reduzir o alcance da verdade da filosofia é muito grande, e os próprios filósofos se auto proclamam como ineficazes, pois eles deixam a realidade intocável. Ela aborta a transgressão.” (MARCUSE: 1964, 177).

De acordo com esta reflexão, segundo nosso autor, estamos diante de uma sociedade unidimensional em que a filosofia é meramente um reflexo do mundo empírico, de modo que a realidade é maquiada pela máscara da mistificação vestida pela sociedade racional. Desse modo, a irracionalidade da suposta racionalidade da sociedade politicamente orientada, cumpre seu papel de mistificar o sistema de dominação e alheamento da realidade construído pelo tecnicismo científico. Dito de outro modo, a filosofia nestes termos representa uma categoria estritamente racional, metafísica e a-histórica, pois não estaria em sintonia com o drama da vida moderna e sua crise inerente aos processos de dominação históricos.

Faz sentido dizer, em sintonia com Marcuse, que a tradição filosófica não caminhou pelos trilhos da superação do real. Ao se pautar na construção de conceitos atemporais, em

nome da necessidade da universalidade, acaba por desenvolver uma função ideológica precisa de mistificar a conflitualidade real do campo social. Com a desqualificação da dimensão histórica, a filosofia transformou as contraditórias relações humanas historicamente determinadas em postulados formais universalmente válidos, afirma Marcuse. Por esta perspectiva atemporal, os pensadores estão objetivamente compelidos a conceber quase sempre de maneira limitada as questões do homem sobre as quais querem refletir. Consequentemente, dentro dessa linha teórica, a filosofia dificilmente formula conceitos que esclarecem os conflitos sociais da sociedade burguesa tendo em vista sua superação, reflete Marcuse. A filosofia proposta por este pensador, por outro lado, se orienta pelo entendimento das formas de dominação no exercício da sua vocação à liberdade entre as sociedades centrais e as periféricas, como ele mesmo faz questão de pontuar em sua principal obra, a saber, *O Homem Unidimensional*. Mormente, nosso autor segue um caminho teórico orientado pela compreensão do homem a partir de seus pressupostos históricos de modo que no plano ético cada movimento da sociedade tecnicista que escraviza o outro se torna moralmente escravo no ato mediante o qual usurpa ao outro sua liberdade. Por conseguinte, não podemos pressupor uma vivência meramente abstrata com base nos supostos avanços tecnológicos, mas em detrimento da vida.

O tecnicismo científico, segundo Marcuse, exige de nós empenho na percepção e elaboração conceitual da dialética da história, realização da síntese na libertação, identidade e integração. Essa tarefa deve ser orientada para dar conteúdo teórico a um novo humanismo, a uma nova estimativa e a uma nova ética para reelaborar com base na prática histórica um novo conteúdo da liberdade. É a trama e o desafio que encontra a formulação desse pensamento. Por isso se justifica pensar em termos de uma filosofia emancipadora e crítica ao *status quo*. Para nosso autor, as contradições que surgem na civilização moderna ocidental e na sociedade tecnológica derivam da crise do racionalismo. Um projeto de superação de tal crise compreenderia, portanto, uma leitura dialética do papel das sociedades emergentes na transformação da realidade bipolar entre norte desenvolvido e sul subdesenvolvido. Na relação entre o abstrato e o concreto no mundo europeu, Marcuse expõe que o tecnicismo científico já é uma categoria histórica. A sociedade assume sua metodologia para se desenvolver; chega-se mesmo a uma formulação esquemática, inflexível na qual se pretende aprisionar a realidade. O racionalismo por traz desta visão esquemática da realidade penetra todas as formas da vida em sociedade. Desse modo, adota-se a racionalização da produção, do trabalho, da organização, da utilidade como expressão do racionalismo na história e oferece respostas às exigências da sociedade industrial. Todavia, segundo Marcuse, a afirmação de

estrutura positivista e neopositivista para a qual a filosofia é unicamente filosofia da ciência não se sustenta, pois filosofia, segundo sua visão, significa a possibilidade de uma postura crítica e universal, uma alternativa dentro de uma situação histórica. Desse modo, adotar este posicionamento, segundo Herbert Marcuse, não é cair numa forma de autocolonialismo; pelo contrário, é saber em crise aquilo que até hoje foi tido como válido, questionar a sociedade de consumo, rejeitar seu humanismo abstrato presente em cada prática repressiva, lutar por outra alternativa e por outros valores.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A tecnologia representou, no último século, um fenômeno muito importante para explicar a emergência do totalitarismo e da barbárie. Marcuse consegue compreender bem tais fenômenos e responder a várias questões importantes, presentes em sua época. Ele demonstra qual a natureza e os efeitos do surgimento do tecnicismo científico e como tal fenômeno repercutiu no decorrer do século XX. Desse modo, buscamos demonstrar as consequências nefastas deste fenômeno na vida em sociedade, destacando a alienação e o fechamento do universo do discurso que pudesse promover a libertação. Todavia, a abertura do diálogo foi bem proposta por nosso filósofo, de maneira que temos em mãos boas ferramentas para questionar este modelo de sociedade imposto pelo sistema capitalista apoiado no tecnicismo científico. Vimos também que essa imposição socioeconômica amparada na técnica se expande na era moderna com o surgimento da industrialização. Da mesma forma, indicamos a importância da noção de liberdade por parte do indivíduo, pois este se encontra cada vez mais afundado nas comodidades da sociedade afluenta, de modo que tal indivíduo pouco ou nada faz para uma possível reversão do quadro desfavorável dos excluídos dos meios de produção. Corroborando esta assertiva, o indivíduo alienado também se deixa influir pelo meio que vive e passa a agir de acordo com as crenças e valores de uma sociedade consumista. Esta sociedade, portanto, impõe um estilo imbecil de vida aos indivíduos na tentativa de fortalecer determinados valores no plano social e político. Do mesmo modo, salientamos que as ideias de Herbert Marcuse expostas em sua principal obra “*O Homem Unidimensional*” suscitou uma reflexão profunda acerca da natureza da sociedade afluenta. É interessante destacar que a tecnologia não é neutra, como demonstrado pelo referido texto e objeto de nossa pesquisa. Portanto, podemos concluir que o tecnicismo científico é um fator imprescindível para se buscar a compreensão do século XX e da sociedade em que vivemos atualmente.

## REFERÊNCIAS

FEENBERG, A. **Alternative modernity: the technical turn in philosophy and social theory**. California. University of California Press, 2005.

\_\_\_\_\_. **Heidegger and Marcuse, The Catastrophe and Redemption of History**. Nova Iorque. Routledge press, 2005.

\_\_\_\_\_. **Questioning technology**. Nova Iorque: Routledge press, 2001.

\_\_\_\_\_. **Transforming technology**. London: Oxford University Press, 2002.

HORKHEIMER, Max. W. ADORNO, Theodor. **Dialectic of Enlightenment. Philosophical Fragments**. Stanford. University of Stanford Press. 2002.

KELLNER, Douglas. **The New Left and the 1960s**. 3, ed., Nova Iorque: Routledge press. 2005.

MARCUSE, Herbert. **O Homem Unidimensional: A ideologia da Sociedade Industrial**. Trad. Giasone Rebuá. 4. Ed. Rio de Janeiro: Zahar editores, 1973.

NEDER, Ricardo T. (org.). **A teoria crítica de Andrew Feenberg: racionalização democrática, poder e tecnologia** / -- Brasília: Observatório do Movimento pela Tecnologia Social na América Latina / CDS / UnB / Capes, 2010 (1a. ed.) 2013 (2a. ed.).

RIIS, Søren. **Unframing Martin Heidegger's Understanding of Technology. On the Essential Connection between Technology, Art, and History**. Londres: LEXINGTON BOOKS Lanham press, 2018.